

AS TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS E A INTERFACE COM O TRABALHO DOCENTE

Renata Bernardo
Universidade São Francisco
brenatta@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa persegue a memória e as trajetórias escolares de alunos jovens universitários atreladas à escolha profissional, além das fronteiras possíveis do tempo sócio-histórico da juventude a partir da inserção no mundo universitário e do trabalho. Nesta perspectiva, a intencionalidade da pesquisa persegue os seguintes questionamentos: As escolhas profissionais dos jovens universitários tiveram influência da identidade profissional docente? A pesquisa proposta tem por objetivo investigar no tocante à apropriação da construção da conceituação da categoria juventude através dos processos escolares, bem como às suas constituições de formação e escolha profissional e identidade docente privilegiando áreas específicas do campo das disciplinas exatas e humanas. Pretende-se também identificar se além da atuação escolhida, a profissão docente é um objetivo para esses jovens, procurando assim analisar por quais caminhos a docência pode ser constituída para além da formação nas licenciaturas.

Palavras chave: Trabalho docente; Trajetórias escolares; Universitários.

1 INTRODUÇÃO

A condição do professor nas inúmeras escolas brasileiras que, cotidianamente convivem, formam e se relacionam com jovens, e que de acordo com os discursos formais e informais, apresentam certa insatisfação, medo e cansaço, devido aos inúmeros processos de dificuldade de aprendizagem, indisciplina, etc é pressuposto elementar mediante os processos que envolvem os jovens no contexto escolar, que perpassa pelo reconhecimento do que para eles é significativamente juventude, e o seu entendimento da diversidade de circunstâncias e experiências juvenis.

Portanto, no contexto escolar o professor é influência na formação dos jovens no fortalecimento de sua identidade, seja porque permite a adesão a um grupo de valores ou porque promove a escolha entre “exemplos” de ação que foram avaliados pela experiência pessoal de cada jovem como positivos ou negativos, correlacionado as

experiências da ação docente com a aprendizagem e apreensão do aluno, em que ao mesmo tempo em que as fronteiras e limites do que é ser jovem é ditado pelo professor através do seu olhar, concepção e ação ao transmitir-lhe conhecimentos e conteúdos e conseqüentemente o professor através desta relação modifica e complementa sua formação.

Tardif (2005, p. 16) aponta para um novo paradigma que se consolida nos estudos para a pesquisa da formação docente, considerando-a atividade de interação dentre as relações humanas, sendo a constituição da profissão docente marcada pelas tensões e confrontações, contradições do tempo e espaço em que esta inserida. Nos tempos atuais é inegável que se percorre um processo de transformação da concepção do trabalho docente, reflexão que passa pela concepção de grupo de coletividade e de campo de trabalho e de acordo com o autor “[...] longe de ser uma ocupação secundária ou periférica em relação à hegemonia do trabalho material, o trabalho docente constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais da sociedade do trabalho” (p. 23).

As pesquisas atuais em formação de professores privilegiam estudos que abrem outros olhares para a formação docente, trazem novas perspectivas de se compreender o trabalho docente, sua investigação, compreensão e aperfeiçoamento, não deixando de lado as interferências culturais, humanas e sociais pelas quais as sociedades passam.

Contudo, o desenvolvimento desta pesquisa alicerça-se nos aportes teóricos e metodológicos da categorização da juventude e do processo de escolha profissional relacionado à docência a partir da investigação em um grupo de discussão com jovens universitários considerando a consolidação do perfil profissional, apresentando etapas bem definidas que contemplam desde um estudo prévio bastante apurado sobre a temática, às entrevistas individuais para coleta de dados, o grupo de discussão e por conseqüência o tratamento e interpretação das informações coletadas.

Nesta perspectiva, a intencionalidade da presente proposta persegue os seguintes questionamentos: As escolhas profissionais dos jovens universitários tiveram influência da identidade profissional docente? Quais as vivências durante a juventude foram determinantes para a escolha da profissão? Quais as lembranças vividas no cotidiano da escola que contribuíram para a escolha profissional? Como as disciplinas escolares tanto exatas como as das áreas humanas aparecem como elemento de escolha profissional? E como as culturas escolares corroboraram com a escolha da profissão?

Em que elas contribuem para a compreensão do que é escola e o que é ser professor hoje?

Partindo da hipótese de que os significados atribuídos do que é ser jovem são socialmente e historicamente construídos, e que a relação professor e aluno no contexto da escola é elemento fundamental para a formação da identidade profissional do aluno, tratando especificamente do conteúdo ministrado, e que ser professor se constitui a partir desta relação, faz-se necessário explicitar aportes teóricos que tratam da constituição da categoria “juventude” e do que consiste a escolha pela docência como profissão nos estudos voltados para a educação.

A pesquisa proposta tem por objetivo investigar no tocante à apropriação da construção da conceituação da categoria juventude através dos processos escolares, bem como às suas constituições de formação e escolha profissional e identidade docente privilegiando áreas específicas do campo das disciplinas exatas e humanas, como Matemáticas, Física, Química, Português, História e Geografia.

Contudo, o presente estudo pretende identificar a influência que professores das áreas exatas e humanas do Ensino Médio da Educação Básica tiveram na formação e escolha profissional dos jovens universitários participantes da pesquisa e se além da atuação escolhida, a profissão docente é um objetivo para esses jovens, procurando assim analisar por quais caminhos a docência pode ser constituída para além da formação nas licenciaturas.

A presente pesquisa de caráter qualitativo manterá o rigor e a ética no tratamento dos dados e na abordagem com os jovens participantes, sendo que, a pesquisa qualitativa, sendo que os participantes da pesquisa são dois alunos de cada um dos cursos universitários citados, Pedagogia, Administração, Fisioterapia, Farmácia, Enfermagem e Engenharia, para que a partir dos questionamentos feitos a pesquisas possa abordar diferentes profissões, de áreas humanas e exatas.

Como metodologia de pesquisa, roteiro e cronograma as etapas da pesquisa são compostas por inicialmente uma entrevista com os alunos participantes, a participação do grupo de discussão que contemplará um total de carga horária de dez horas, podendo ser encontros de duas a quatro horas cada, em um período de um semestre e entrevistas finais que complementaram os estudos e a participação dos jovens alunos universitários.

Neste estudo a entrevista respeitou a identidade dos participantes, ficando a critério deles a escolha de deixar o nome nos documentos, sendo feita a devolutiva da

transcrição das entrevistas iniciais, o mesmo acontecendo com o grupo de discussão para os jovens universitários participantes da pesquisa, efetuando-se um questionário piloto para esclarecer e explicitar as questões elaboradas.

Neste texto serão apresentados alguns apontamentos da fase inicial da pesquisa, que foram as entrevistas individuais, sendo que, as entrevistas iniciais tiveram um roteiro previamente definido por um estudo criterioso sobre a instituição, o curso e o perfil do aluno da profissão específica. As entrevistas iniciais transcorreram como uma conversa aberta, possibilitando assim o fluir das emoções e o aproveitamento das experiências dos depoentes.

Assim, as entrevistas iniciais, bem como o grupo de discussão serão compostas por questões antecipadamente formuladas, sendo que a partir do processo do grupo de discussão, algumas questões possam surgir, não ficando assim o roteiro de perguntas e questões um instrumento engessado, podendo ter alterações no decorrer da pesquisa. Para o início da pesquisa apenas a entrevista inicial e o roteiro para o grupo de discussão foram às questões pré-definidas, ficando a entrevista final a ser elaborada no transcorrer do estudo.

Neste estudo a entrevista respeitou a identidade dos participantes, ficando a critério deles a escolha de deixar o nome nos documentos, sendo feita a devolutiva da transcrição das entrevistas iniciais, o mesmo acontecendo com o grupo de discussão para os jovens universitários participantes da pesquisa, efetuando-se um questionário piloto para esclarecer e explicitar as questões elaboradas.

As entrevistas são estruturadas a partir de objetivos claros para as informações que se pretende obter e para melhor compreensão e consequente direcionamento do material colhido, sendo que, a partir da análise das respostas obtidas surgiram e serão apontadas as categorias de análise para a composição do estudo e seu aprofundamento.

Contudo, neste texto serão apontados alguns pontos elementares da primeira fase da pesquisa que compreendeu nas entrevistas individuais, na tentativa do levantamento de categorias de análise a partir das respostas dadas.

2 TRAJETÓRIOS ESCOLARES E DOCÊNCIA

Para um ensaio de análise das respostas dadas na primeira fase da presente pesquisa que, contemplou entrevistas individuais com doze alunos universitários, sendo dois alunos de cada um dos cursos apontados a seguir: Administração, Pedagogia, Farmácia, Fisioterapia, Engenharia e Enfermagem; trazendo aqui uma primeira tentativa de levantamento de categorias de análise das referidas respostas.

Nesta perspectiva, a partir da leitura e análise das respostas dadas as categorias levantadas englobam três dimensões que ressaltaram nas memórias e trajetórias escolares dos sujeitos entrevistados, sendo elas, a figura do professor; as experiências negativas vividas no contexto escolar; a configuração da juventude como tempo de sonho, esperança e momento de construção de uma identidade profissional docente.

Neste sentido, para o início da análise aqui proposta, as categorias serão refinadas a considerar três dimensões da seguinte forma: o papel do professor; memórias escolares; juventude e identidade profissional.

Ao trazerem as principais lembranças do tempo de escola, todos os alunos foram categóricos ao apontar três situações muito significativas que merecem um aprofundamento e análise, a primeira delas refere-se à lembrança do professor de várias disciplinas, principalmente o professor de matemática e a dificuldade em aprender matemática, além de outras disciplinas como português, geografia e física, sempre atrelando a dificuldade do aprendizado com a atuação do professor.

No caso da matemática, é importante ressaltar que o conhecimento matemático é um filtro social e como tal teve e tem sua função seletiva e classificatória, status construído historicamente, sendo que, a disciplina matemática constituída para a escola, na escola e pela escola, legitimando-se como uma face do saber matemático, a educação matemática escolar, ponto a ser aprofundado no desenvolvimento da pesquisa.

As escolhas profissionais de jovens universitários esbarram nas experiências escolares e no universo escolar vivenciado por estes sujeitos trazendo elementos constituintes do que se pode denominar de culturas escolares, através de suas memórias escolares, da infância e juventude.

A escola aparece como protagonista neste estudo, como espaço que ao ser significado pelos jovens estudantes torna-se lugar de referência, alicerçando-me nas leituras de Viñao Frago e Escolano (2001) que ao tratarem da dimensão espacial dos estabelecimentos de ensino e a da dimensão educativa do espaço escolar, para além dos mobiliários, tratam dos espaços e sua arquitetura na dimensão de lugar, a escola, sendo

também uma construção cultural implicando em várias questões a serem analisadas (p. 71).

Dominique Julia (2001) trata da cultura escolar como objeto histórico, ao chamar atenção pela demarcação própria que possui o contexto da escola, as práticas escolares, conteúdos, normas, arquivos, professores e alunos, mas não qualquer escola, falo da escola moderna, vivenciada nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, escola essa que se denomina moderna por meio de um processo histórico que permeia longas décadas como aponta David Hamilton (2001) em seu trabalho “Notas de Lugar Nenhum” em que trata dos primórdios da escola moderna sinalizando quais os fatores elementares que contribuíram para a composição da escola moderna.

Nas repostas dadas nas entrevistas individuais, quando indagados sobre as experiências e vivências na escola, as respostas apontam memórias tristes em relação às vivências na escola, em que, muitos apontaram o sofrimento de *bullying* por parte dos colegas, outros que só tinham um amigo na escola e eram maltratados por outros amigos na escola, outros apontaram que não gostavam de ir para escola, mas gostavam de estudar, deixando claro que não gostavam da estrutura física, dos professores e das rotinas escolares. Algumas respostas também apontaram para a presença de sentimentos ruins na escola, como o ciúme dos amigos, raiva dos professores e saudades de casa, considerando que, as lembranças positivas foram poucas quando indagados sobre as trajetórias escolares.

Viñao Frago e Escolano (2001) abordam que a escola é um espaço e lugar demarcado internamente pela divisão do tempo, do trabalho, das tarefas cumpridas, da vigilância e do controle, o que implica na consideração da escola em ser um lugar e espaço constituído por características próprias que, por meio de vários elementos, sendo eles, sociais, políticos, econômicos e culturais a constitui através do tempo e da história.

Os autores acima citados abordam ainda que, as disciplinas escolares disciplinam a mente e a ação dos alunos e professores, e que diante desta lógica, a escola caracteriza-se um continente que gera poder e disciplina sempre de forma tensa e conflituosa. No tocante desta leitura relacionando desenvolvimento da pesquisa pretendida penso nas lembranças, na ação e no papel que diversos profissionais docentes e suas disciplinas tiveram na escolha profissional dos sujeitos da pesquisa.

Ao pensar a escola como eixo protagonista da pesquisa é correlacioná-la com os conceitos estudados que tratam da constituição de culturas escolares e naquela configurada como moderna.

Contudo, a releitura do texto de David Hamilton (2001), intitulado “Notas de Lugar Nenhum” trouxe novas reflexões, novas análises, e a principal delas esta na indagação que o próprio texto traz: Como se originou a escolarização moderna? Parece-me que tal origem deve ser pensada a partir de um movimento, de desconstrução dos dispositivos históricos que influenciam na criação da escola moderna, ou melhor, configuram-na e que residem nas variáveis apresentadas no texto como as práticas de ensino da Idade Média, séculos XV, XVI, XVII.

A partir desta reflexão, a leitura do texto de Dussel e Caruso (2003), intitulado “A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar”, em que traz questões que envolvem os traços que circundam a escola moderna faz-se necessário pensar em uma escola que se configurou e se caracterizou a partir de dispositivos de um determinado tempo, espaço e lugar, que como que engendrado por fios históricos, sociais, políticos e econômicos, tem seus aportes no processo industrial e de inovações científicas e tecnológicas do século XIX, principalmente com seu auge nas suas últimas décadas, apontando para outros processos de organização e controle das sociedades.

Neste sentido, o espaço escolar, a tecnologia presente neste espaço escolar, na arquitetura da escola, os materiais, a disciplina do tempo, os cursos estruturados em seriação, as práticas escolares, a inter-relação entre os saberes os procedimentos e seus símbolos.

Para Veiga Neto (2003), o cercamento do espaço escolar foi um processo que vai se constituindo de forma não linear e que também passou por critérios disciplinares calcados higienização e eugenia. Desta forma, pensar na lógica da funcionalidade da escola, na questão da gestão do tempo matematicamente cronometrado, no conjunto de ideias, no imperativo da racionalidade e na gestão do espaço é pensar nas permanências e também nos conflitos que constituem a escola moderna e nesta perspectiva pensar nas personagens que vivenciam esses processos e dão vida e significado à escola.

A escola constitui-se pelos processos nela vividos, sendo que, os espaços que constituem a escola atual, como foram sendo formados, quais seus objetivos, como estes espaços foram sendo significados e transformando-se em lugares escolares, elucidam as concepções pelas quais a cultura escolar, ou as culturas escolares corroboram com o

entendimento e a formação de suas personagens, sendo elas, os professores, alunos, jovens, crianças, diretores, bem como tantos outros profissionais.

Nesta perspectiva, ao pensar nos jovens universitários é necessário pensar na categorização do tempo da juventude e de suas fronteiras dentro dos diversos contextos escolares por eles vivenciados, confrontando assim com a ideia de culturas escolares, no plural, reconhecendo a multiplicidade de realidades destas personagens.

Nas respostas dadas nas entrevistas individuais, as concepções em relação à juventude dos sujeitos da pesquisa apontaram para a compreensão de que a juventude é momento de construção e luta por um futuro melhor, com o empenho nos estudos escolares, busca por um posicionamento profissional, pontuando que não pode ser prejudicada pelo uso de drogas, acomodação e abandono dos sonhos.

Em relação à juventude ainda, os sujeitos responderam que atualmente existem vários incentivos para os jovens estudarem e se posicionarem profissionalmente na sociedade, com as bolsas de estudos existentes, os programas do governo, bem como, as possibilidades de atuação profissional que a sociedade tecnológica com o advento da internet proporciona, indicando que com as facilidades de informação o jovem que não se especializa, estuda ou trabalha é porque não quer.

As respostas sobre juventude estiveram atreladas à consideração de um momento de busca profissional sendo que, aqueles que não aproveitam este momento desta forma, ficarão atrasados no processo evolutivo social com consequências pessoais graves, corroborando com Juarez Dayrell (2007) que ressalta as tensões e os desafios que os jovens vivenciam na escola, considerando-os expressões de mudanças profundas nas sociedades e, conseqüentemente, em seus indivíduos, no tempo e espaço social. É importante salientar que o autor trata principalmente dos limites da categorização da juventude das camadas populares, questionando os limites da idade social da infância e da juventude a partir de suas fronteiras sociais, culturais e econômicas.

Dayrell (2007) ao provocar vários questionamentos em seu trabalho sobre a juventude, como a que intitula o texto lido “A escola faz as juventudes?”, trouxe-me a indagações que permeiam as condições que delimitam no que é ser jovem no Brasil, sua relação com a educação, com a escola, a cultura, a mídia, o mundo do trabalho, questões relacionadas à sua sexualidade, dinheiro, sonhos, objetivos, perspectivas.

Diante estes apontamentos, pode-se concluir que ser jovem, estar na fase da juventude não é um processo da vida tão simples assim, Levi (1992) expõe que a

juventude como construção social e cultural, portanto, histórica, não deve somente ser analisada e definida segundo critérios exclusivamente biológicos. Faz-se necessário considerar as especificidades de um determinado contexto, lugar, as mudanças e conjunturas políticas, sociais e econômicas das diferentes sociedades. É necessário considerar que a juventude não é uma extensão da infância e que a categorização de infância, juventude e idade adulta constitui-se por meio de condicionantes transitórios que determinam os limites pelos quais se dá a passagem de uma fase para outra.

Em níveis acadêmicos de estudo e de pesquisa a temática da juventude ganha um espaço peculiar no campo da investigação social e histórica, bem como e principalmente nas áreas educacionais a partir das últimas décadas do século XX, surgindo importantes vertentes que irão direcionar o olhar para as questões que envolvem a juventude.

Michelle Perrot (1996), em estudo sobre a juventude operária europeia do século XIX contemplou singularidades de seu cotidiano: os processos de escolaridade, a inserção no mundo do trabalho, as relações com a família, a fábrica, o amor e o casamento, abordando as especificidades desta categoria no que se refere ao lugar social de seus protagonistas, a classe trabalhadora. Cabe ressaltar que a história da juventude esteve por muito tempo ausente do campo de uma historiografia oficial, permanecendo objeto de estudo de outras áreas do conhecimento.

Peralva (1997, p.18), analisa que no mundo moderno a perspectiva sociológica sobre a juventude caracteriza-a enquanto geração que necessita ser educada pelas gerações adultas para integrar-se à sociedade, sendo que diante desta ausência de instrução, a juventude pode configurar perigo, assim o “[...] jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo [...]”, que o estabelecimento de fases da vida, embora se relacione ao desenvolvimento biológico e psíquico, é um processo que precisa ser considerado também em seus aspectos social e histórico e na relação com os âmbitos da família, do Estado, da produção, entre outros.

No Brasil, há um considerável número de pesquisas referentes à infância e à educação das crianças, o mesmo não podendo ser mencionado em relação aos jovens e à juventude, sobre os quais há uma incidência maior de estudos de matriz sociológica. No que se refere à juventude, observa-se uma grande dificuldade em categorizar este grupo, em razão das diferentes concepções quanto à idade, passagem para a vida adulta, bem como às mudanças sofridas na configuração desta categorização.

É preciso destacar, também, uma ausência histórica de políticas públicas direcionadas aos jovens que ultrapassem o mero assistencialismo, um leque de condições sociais aponta para processos de desigualdade da juventude brasileira. Os noticiários, a mídia, as instituições de ensino, a família, estatísticas, enfim, a sociedade se indaga cotidianamente sobre os direcionamentos da juventude, vida profissional, futuro, processos violentos, pobreza, trabalho, maternidade e paternidade, processos de alienação, o envolvimento com entorpecentes, entre outras condições, formam um conjunto de variáveis que indicam outros rumos para a pesquisa e o estudo sobre a juventude, na perspectiva do encontro de meios para o entendimento das questões que as envolvem.

No que se refere à pesquisa sobre a profissionalização, escolhas, mundo do trabalho que esteja atrelado à juventude aponta-se que um caminho árduo ainda precisa ser trilhado para que as fronteiras, as possibilidades e os limites da categorização da juventude brasileira sejam emoldurados por aportes fidedignos à realidade existente, e pesquisar o papel da educação e conseqüentemente das instituições de ensino, as escolas neste contexto é inerente à condição do estudo.

Contudo, os sujeitos passam pelas idades preestabelecidas permeando as diversas fases e condições impostas a elas. Com a juventude não é diferente, pelo contrário, suas especificidades de constituição apontam que tal consideração é primordial para o seu entendimento. A transitoriedade da categoria juventude nas diversas sociedades é determinante na caracterização das atitudes sociais, tanto do jovem para consigo mesmo como com outros jovens quanto com o meio social e cultural em que está inserido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em níveis acadêmicos de estudo e de pesquisa a temática da juventude ganha um espaço peculiar no campo da investigação social e histórica, bem como nas áreas educacionais a partir das últimas décadas do século XX, surgindo importantes vertentes que irão direcionar o olhar para as questões que envolvem a juventude. Sposito (1997, p. 97) aponta que, o espaço escolar passa a ser importante lugar de pesquisas de “natureza qualitativa e da etnografia”, frisando que este movimento se faz mais que

necessário no campo das ciências humanas, principalmente para a resolução de problemas que envolvem a educação, escola e juventude, afirmando que faltam “categorias analíticas” que deem conta da amplitude dos “processos sócio-culturais” que fazem interface no cotidiano escolar.

Rememorar os tempos escolares, resgatando lembranças da vida escolar em um movimento de entrelaçamento de detalhes das escolas, acontecimentos e registros que construíram a memória de escola dos sujeitos de pesquisa, trazendo cenários da infância e juventude, lugares de compartilhamento de muitas experiências nestes tempos com outras crianças e jovens de uma geração é traçar elementos determinantes das escolhas profissionais.

Neste contexto, e embasado na análise inicial das respostas dadas na primeira fase da pesquisa com as entrevistas individuais com alunos universitários, o aprofundamento teórico das categorias levantadas para o estudo apontam alguns caminhos para a expansão da pesquisa, sendo elas: o professor e a escola; memórias escolares; juventude e identidade profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n.100, out. 2007, p. 1105-1128.

DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, 2003.

FORACCHI, M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1977.

HAMILTON, David. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº 1, jan./jun. 2001, p.45-73.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº 1, jan-jun/ 2011, p. 9-43.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, p.133-161, 1992.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação, São Paulo**: Anped, n.5 – maio-ago. 1997, nov/dez 1997, n.º. 5 e 6.

PERALVA, Angelina Teixeira. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação, São Paulo**: ANPED, mai/jun/jul/ago. 1997, set/out/nov/dez. 1997, n.º 5 e 6, p. 15-24.

PERROT, Michelle. A juventude operária. Da oficina à fábrica. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude. **História dos jovens**. São Paulo: Cia. das Letras, v. 2, p. 83-136, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação, São Paulo**, ANPED, mai/jun/jul/ago 1997, set/out/nov/dez 1997, n.º. 5 e 6, p. 37-52.

TARDIF, M. LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Trad. João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VEIGA NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. (entrevista com Alfredo Veiga Neto). In: COSTA, Marisa V. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 103-126.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**. 2ª ed. RJ: DP&A, 2001.